



○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

EDITORIAL

A dialéctica da vida ou a dialéctica da história transformou em dilema o actual pensar dos responsáveis da Santa Casa da Misericórdia de Fão. Como se sabe, o hospital da terra acusou nos últimos tempos uma baixa de tomo. Referimo-nos à morte do dr. Queirós de Faria. Uma baixa de tomo, voltamos a afirmar, cuja substituição ou não tem gasto já rios de preocupação à gente local.

O GRANDE DESAFIO

De um lado existe uma corrente, chamemos-lhe tradicional que defende a manutenção do **status** vigente e que assim argumenta: o dr. Queirós de Faria morreu mas deixou um filho que lhe segue bem as pisadas. Já há muito que trabalha no hospital de cá e, como diz o povo, filho de peixe sabe nadar. Mais a mais é oriundo do concelho, já tem clientela constituída, e o nome da família é um atractivo ou chamariz. Além disto, dizem os defensores do **stablyshement**, nos inícios do dr. Queirós era só a sua equipa que trabalhava em Fão. Hoje praticam-se no hospital várias especialidades clínicas e com bons médicos, o que leva a concluir que a saída de um ou outro clínico não tem significado relevante. A bem dizer o dr. Queirós já não operava em Fão há dois ou três anos. Só assistia quando assistia.

Dizem os seguidores de um outro caminho ou de uma outra corrente a que nós chamamos **inovadora**: o dr. Queirós de Faria era uma figura carismática e ao mesmo tempo emblemática, e foi à sua sombra, sob a sua orientação, que o hospital fangueiro cresceu e ganhou fama. Por isso, recomendam os inovadores, o que esta casa de assistência tem a fazer é escolher um médico de cirurgia geral, da «altura» do dr. Queirós (pai), que conduza o hospital de S. João de Deus para um patamar que não apanhe a sombra da casa de assistência que tem por patrono Valentim Ribeiro. É verdade, prosseguem, os defensores da tese **inovadora**, que continua (e há-de continuar) um Queirós de Faria em Fão, mas que não tem ainda o nome nem a projecção nem o fascínio do pai.

(Continua na pág. 2)

O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

VALENTIM FÉLIX DE MAGALHÃES

Aqui está um nome soterrado pelo tempo que por isso mesmo trespassou os anos e chegou até nós sem grande ponderabilidade social. Mas foi um grande fangueiro sem dúvida no seu tempo. Não é um Campos Morais ou um P.e Lourenço Viana que, mortos há bastantes anos, permanecem na memória colectiva local, incólumes na sua vertente bairrista e filantrópica. Confessamos que o nome de Valentim Nagalhães não nos dizia nada. No entanto, o nosso preclaro amigo Carlos Mariz cavou bastante fundo ao seu redor e conseguiu transmitir-nos um perfil que vem enriquecer a galeria dos fangueiros ilustres que se salientaram no amor e na dedicação à sua terra natal no findar do séc. XIX. Vejamos o seu currículo:

Valentim Félix de Magalhães foi vogal da Junta de 1879 a 1880, sendo tesoureiro a partir de 1880 até 1882. De 1882 a 1884 exerceu as funções de Vice-Presidente da Junta de Paróquia, voltando a ocupar este cargo de 1883 a 1901.

Várias vezes os seus préstimos foram requisitados para casos de grande importância e de certo melindre. No ano de 1879 foi, conjuntamente com outras pessoas qualificadas da freguesia, convidado a tomar parte numa reunião da Junta com o fim de se estudarem os meios de angariar fundos para o alargamento do cemitério. Resolveu-se então contrair um empréstimo para esse fim. Valentim Magalhães adquire

três acções no valor de 30\$000 reis. Quando em 1896, sendo membro da Junta da Paróquia, se pretendeu expropriar terrenos para a construção da estrada do mar, ele recusou-se a desenvolver qualquer acção nesse sentido. Não se conhece o porquê dessa atitude. Uma questão de humanidade? Protecção a qualquer amigo? Não ficamos a saber.

Em 14 de Outubro de 1888 é nomeado membro da Comissão da Estrada do Mar. No ano seguinte é da sua lavra uma proposta para o alargamento do cemitério e, talvez por isso, o seu nome aparece a presidir ao acto da arrematação das obras desse alargamento. No ano de 1899 é nomeado pela Junta da Paróquia para substituir o Presidente Prior Lourenço Viana, por este se encontrar doente. Revestido nessa função, encarrega-se de fazer o rol do imposto de trabalho de parceria com o vogal Manuel Turra. De 1885 a 1887 e ainda de 1892 a 1896 exerce as funções de Juiz da Irmandade do Bom Jesus. Em 25 de Agosto de 1873 a sua assinatura aparece a rubricar os Estatutos desta instituição.

A Comissão da Alameda não lhe podia passar ao lado e, pelo menos, no ano de 1881, o seu nome aparece como secretário. Este lugar requeria em princípio que o seu titular tivesse alguns estudos. Quais? Não sabemos. Juntamente com Francisco Fernandes Gaifém mandou encanar uma bica de água para a sacristia do Bom Jesus, ligada aos encanamentos de Arroteia. Era, como já se disse, um vulto com certa projecção no meio pelo que não podia furtar-se a certas obrigações cívicas. Não admira, pois, que o seu nome surja como sócio fundador do Club Fãozense, inscrevendo-se com oito acções no valor de 40\$000 reis. Nessa mesma linha de obrigações sociais, em 1879 é um dos elementos da Comissão de Auxílio a Náufragos. Podemos, sem receio de errar, dizer que era um benemérito e, por isso, não surpreende que no registo de esmolas especiais o seu nome apareça como doador de uma oferta à Irmandade do Bom Jesus no valor de 18\$000 reis, equivalente hoje a 46.000\$00 (cálculo de Carlos Mariz). Aproveitando, quiçá, as suas aptidões literárias, é escolhido em 1879 para encorpar a Comissão que redige o regulamento do Cemitério.

Enfim, com uma vida sempre ocupada, não se furtando a cargos que davam canseiras, faleceu em 1921, deixando para exemplo um perfil que merece o louvor dos conterrâneos.

A Propósito dos Mestres Pedreiros do Bom Jesus de Fão

Por MANUEL ALBINO PENTEADO NEIVA

HOMENAGEANDO CARLOS MARIZ

Quando fui convidado para falar, em Fão, sobre a Arquitectura Religiosa fangueira, desde logo procurei documentar-me — o mais possível, e estudar documentos, uns inéditos, outros simplesmente transcritos.

É sabido que Fão possui uma história riquíssima e, felizmente, muitos têm sido aqueles, ontem como hoje, que se debruçam sobre ela e a procuram divulgar. Aliás a este movimento não é alheio «O Novo Fangueiro».

De entre os documentos por nós consultados, e como não podia deixar de ser, constam os publicados por Carlos Mariz, nosso prezado amigo, sobre o Templo do Bom

(Continua na pág. 13)

EDITORIAL

HISTÓRIAS DA MINHA INFÂNCIA

AS OFERTAS DA ROSA

Por MARIA ROSÁLIA

(Continuado da pág. 1)

Entretanto o Hospital de Esposende, que por se situar na sede do concelho tem toda a protecção da Câmara, continua o seu caminho de reequipamento e de modernização, e assim tudo se conjuga para que venha disputar ao seu congénere de além-ponte a primazia que este vem exercendo no âmbito da saúde local.

Verdade seja dita que, no que concerne a obras, a casa de saúde fangueira não quer ficar atrás (a eterna dialéctica) e investiu e tem investido muitos milhares de contos (ultrapassam a centena) também na modernização dos espaços clínicos. A entrada está completamente remodelada. Criaram-se muitos gabinetes médicos, salas de operações, que se encontram apetrechadas com material cirúrgico de ponta. Digamos que em infra-estruturas as duas unidades hospitalares se equiparam. Curiosamente o mesmo acontece quanto à provedoria: são cunhados os dois provedores.

E quanto às pontas do dilema como resolver? Esse é o grande desafio que se põe ao discernimento e à responsabilidade dos gestores fangueiros.

A ESTREIA DE UM CORREDOR DE AUTOMÓVEIS

Fernando Mendanha — só pode ser ele... — tomou parte no Raly Vinho do Porto que teve o seu início no passado dia oito.

O carro em que participou na corrida foi um Peugeot 205, totalmente preparado e adoptado por ele. O ter chegado ao fim já foi muito bom. Esperamos que em breve adquira o estofa de um campeão.

Ao narrar esta ou outras pequenas histórias verídicas da minha infância, peço aos leitores me desculpem a simplicidade da linguagem e os erros de construção da mesma nela cometidos. Quem escreve este episódio não tem pretensões, nem as poderia ter, pela falta de curriculum escolar que para tal era preciso. Peço pois, me perdoem especialmente as pessoas cultas, que notarão de certeza a minha ignorância sobre a maneira de escrever.

Dito isto, aí vai a minha história, aliás muito conhecida em Fão há algumas dezenas de anos atrás.

Havia em Fão uma senhora de nome Rosa, pessoa essa muito famosa pelas suas ofertas ou presentes.

Um dia, minha mãe, que era costureira de profissão, estava a trabalhar em casa de uma senhora rica, a fazer o enxoval e o vestido para a filha que estava noiva e ia casar.

Eis senão quando, logo ao princípio da tarde, batem à porta da casa da senhora. A criada viu quem era e foi dizer à patroa que estava à porta a Rosa com o presente de casamento para a noiva. A senhora, toda solícita, manda subir a Rosa e para não perder tempo (também ela, dona de casa, estava a trabalhar no enxoval da filha) levou-a para a sala de costura.

A Rosa tira o cesto lindo que trazia à cabeça coberto com alva toalha de linho e pousa-o no chão.

Muitos cumprimentos, muitos beijinhos, muitos salamaleques, muitos agradecimentos, pela dona da casa, que lhe oferece uma cadeira para ela se sentar. Muita conversa e chega a hora do lanche. A dona de casa, como boa anfitriã, convidou-a para lanchar, ao que a Rosa não se fez rogada, servindo-se por duas vezes.

A noiva e a mãe estavam em pulgas para ver o presente que a Rosa lhe trazia, mas a Rosa nada de destapar o cesto.

Aproximava-se o fim da tarde e a Rosa não

dava sinais de se querer ir embora e oferecer, enfim, a prenda. Então a dona de casa, que não queria ter mais uma comensal para o jantar, diz-lhe muito delicadamente: «Bem, Rosa, não posso perder mais tempo; meu marido está achegar para jantar e eu tenho que ir ajudar a criada. Se tens alguma coisa para oferecer, despacha-te».

Então a Rosa (que por sinal era uma senhora casada e mãe), tirou a alva toalha de linho e dobrou-a com minúcia e muitos vagares. Mas por baixo da toalha que tirou, apareceu outra toalha que dobrou com o mesmo ritual, e mais outra e mais outra; ao todos sete toalhas, todas elas de linho branco de alvura immaculada. A expectativa ia aumentando à medida que a Rosa ia tirando as toalhas. Julgam que a oferta eram toalhas? Nada disso. As toalhas eram só para fazer volume para encher o cesto.

Finalmente eis que surge a prenda a ofertar. Com muitos votos de felicidades ao novo lar a Rosa dava de prenda uma tijela de barro cheia de sal, dizendo: «minha querida, ofereço-te o gosto de todos os gostos».

Imagine-se a desilusão depois de tanto «suspense»... uma tijela de sal!...

Escusado será dizer que a ofertante quase foi empurrada pelas escadas abaixo. «Leva Rosa, leva a prenda que nós agradecemos à mesma, mas não queremos nada».

E a Rosa a insistir: «Mas, menina, isto faz falta em todas as casas. É o gosto de todos os gostos». Entretanto foi posta na rua.

Assim eu fui crescendo ouvindo esta e outras histórias das ofertas da Rosa, que ficaram famosas pela sua originalidade.

NATUREZA

Na Natureza nada de repete.
O sol de outrora teve outro calor,
O sorriso daquele ramalhete,
Adornou antes outra linda flor.

Nada é igual na bela Natureza.
Água do rio, pássaro que passa...
O novo lírio tem outra beleza,
E o cordeiro nascido, nova graça.

Nada na Natureza é semelhante.
É desigual o gosto das maçãs,
Não calca o mesmo pó o caminhante,
Não é igual o rosto das manhãs.

Nada é constante neste belo mundo.
Já foi granizo a chuva miudinha,
E o vento da procela, furibundo,
Beijou antes as asas da andorinha.

Tem novo amor, a noiva apaixonada,
E a pequenina abelha, outra doçura,
Novo aroma, a recém desabrochada,
E o recente bebé, outra candura.

Por isso, amigo, ama a Natureza
Com tudo o que ela tem e te oferece,
Disfruta satisfeito tal riqueza
E ao Criador eleva a tua prece.

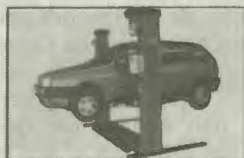
DINIS DE VILARELHO



REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA · ASSISTÊNCIA TÉCNICA
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVADORES 2 COLUNAS



TESTE DE TRAVÕES



LAVAGEM AUTOMÁTICA



ELEVADORES 4 COLUNAS



LAVAGEM ALTA PRESSÃO

Visite as nossas Exposições

REIMELI

PORTO — RUA 5 DE OUTUBRO, 212 — TEL. 60 91 018 · 60 83 748 — FAX 66 73 85
LISBOA — RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1693 — TEL. 759 72 04 — FAX 759 72 06

DE APÚLIA

TERRA PIONEIRA — Há aproximadamente 60 anos era criado em Apúlia o primeiro Grupo Folclórico do Concelho — Os Sargaceiros de Apúlia. A sua trajetória em todos estes anos tem sido notável. Os Sargaceiros de Apúlia tem toda uma vida repleta de sucessos. E alguns, casos do apuramento para as primeiras Olimpíadas Europeias de Folclore, onde seria um dos representantes de Portugal, e a conquista da Taça «Abril em Portugal», foram marcantes da sua história.

Corria a década de 40. As terras pequenas não tinham locais de convívio nem de distração cultural. Os debutantes «cafés», que passaram a ser lugar de cavaqueira, ainda não tinham chegado cá. Os jornais, regra geral, não passavam dos grandes centros; não havia televisão, e a radiofusão só entrava em casa de meia dúzia de famílias, as que tinham rádios.

O Governo de então, dotou o País de uma rede razoável de Casas do povo. Cremos que a nível do país a Casa do Povo de Apúlia viria a ser a 4.ª ou 5.ª a ser oficializada. Do sucesso destes organismos em termos culturais, recreativos, representativos e até sociais, ainda muita gente se lembra com alguma gratidão. A partir da sua criação, a Casa do Povo de Apúlia passou a ser o ponto de encontro obrigatório de todos os apulienses, de todos os níveis e de todas as idades. Aquilo, foi durante muitos anos, um pequeno ministério, onde funcionava a Junta de Freguesia, Regedoria, Registo Civil, Grupo Folclórico, Grupo Cénico e Grupo Desportivo, e ainda telefone e posto dos C.T.T. públicos. Ali também podiam ser lidos, todos os dias, jornais diários de Lisboa, do Porto e de Braga.

Muitos anos depois, com a ajuda do então Presidente da Câmara, Senhor Professor Carlos Martins, foi Apúlia dotada com uma estação dos correios, com boas instalações e funcionário a tempo inteiro. Depois ainda, foram criados a Secção

Columbófila, o Grupo Desportivo federado da Associação de Futebol de Braga, o Clube de Caçadores, e recentemente a Associação para Defesa do Meio Ambiente de Apúlia (GAIVOTA).

Em algumas destas criações fomos pioneiros, e logo seguidos por outras terras do concelho.

Oxalá, que como aconteceu com o Grupo Folclórico, Casa do Povo, e secção Columbófila, também sejamos seguidos em todo o concelho na criação de associações ambientalistas que defendam a preservação da natureza e do sistema ecológico, sobretudo na orla marítima e nos recursos hídricos.

DROGA EM VEZ DE SARGAÇO — Este podia ser um título que se adequava perfeitamente aquele caso insólito (para nós) da saída na praia de Apúlia de duas embalagens contendo mais de 20 quilos de droga (dizem que pura e em bom estado), e a que a comunicação social deu um relevo inusitado. Apúlia, nesses dias, a contra gosto, foi notícia nos jornais, nas rádios e nas televisões.

O caso, conta-se em poucas palavras: um apuliense, como o faz centenas de vezes por ano, foi até à praia às 5 horas da manhã numa noite fria e chuvosa. Quando recolheu os embrulhos que a maré deixara, ficou estupefacto. Logo viu que era droga e que estava ali uma «fortuna». Apesar disso, esse apuliense, que se revelara uma pessoa responsável e honesta, imediatamente, com conselhos e ajuda de amigos, foi participar e entregar o achado às autoridades competentes da Póvoa de Varzim.

Tudo siumples, tudo linear, tudo transparente. Mas também, se se disser que a «coisa» valia quase meio milhão de contos, tudo merecedor da gratidão e do obrigado de todos nós.

FUTEBOL — No último «O NOVO FANGUEIRO», escrevemos que o Apúlia, que se deslocava a Fão nesse dia para mais um jogo do campeona-

to da Divisão de Honra, estava empatado em pontos com o seu adversário, e que tanto um como o outro, que espreitavam uma oportunidade para se distanciar, podiam não o conseguir nesse jogo.

Conseguiu-o o Fão, derrotando o Apúlia, e com justiça, porque foi, de facto nesse jogo, a melhor equipa.

Dá para cá o Fão continua à frente com 1 ponto de vantagem. No último desafio realizado em Apúlia, o nosso representante derrotou o Porto D'Ave por 2x0, num bom jogo de futebol.

Com 20 jogos realizados, o Apúlia, que soma 7 vitórias, 4 empates e 9 derrotas, está em 10.º lugar com 18 pontos.

GAIVOTA — O dinamismo dos seus dirigentes não a deixa parar. Ainda ontem foi criada e já mostra serviço, mesmo que possa ser considerado simbólico, como é o caso da plantação de feno no Sábado, dia 25 de Fevereiro, um mau dia, com chuva e frio a dificultar a comparência das crianças da Escola C+S de Apúlia, como estava anunciado. Mesmo assim, ainda foram em numero significativo, os «voluntários» que apareceram e trabalharam.

Para hoje, dia 4 de Março, está anunciada mais uma plantação, que também vai ser simbólica, dado o estado do tempo, também chuvoso e frio.

De qualquer forma a intenção é reveladora da vontade daquela gente em fazer algo pela sua terra neste campo tão importante como é a preservação das dunas entre «Cedoverm» e «Pedrinhas», da erosão anunciada, e até já confirmada em toda a extensão do litoral apuliense.

NOTAS PESSOAIS — Ainda se encontra no Brasil, a passar férias, o nosso conterrâneo e amigo deste Jornal, o Senhor ALCINDO DO VALE GONÇALVES, conforme o último número de o «Novo Fangeiro» noticiou.

Ao amigo Alcindo, que já tem por hábito «fugir» do inverno daqui para gozar as delícias do verão e do carnaval brasileiros, desejamos uma boa viagem de regresso.

— A notícia não é boa nem para os seus familiares nem para os seus inúmeros amigos. Mas o facto constitui notícia, e por isso aqui a deixamos com muita esperança de que já esteja ultrapassada.

O CARLOS DA SARGACEIRA, o nosso amigo e conterrâneo CARLOS RODRIGUES CARVALHO, está doente e internado no Hospital de S. João, do Porto.

Todos fazemos votos para que recupere depressa, e depressa regresse ao convívio dos seus.

ÓBITOS — Faleceram em Apúlia, no mês de Fevereiro, no dia 2, a Senhora JÚLIA JOSEFA DE MIRANDA, nascida em 13 de Fevereiro de 1918; era filha de Paulino José de Miranda e de Deolinda Josefa Hipólito. Deixa viúvo o Senhor Arlindo Lopes Ribeiro; no dia 14, o Senhor JOÃO DE NOBREGA FARIA, casado com Maria Graciete Nobrega Coelho Faria, e era filho de João Gomes de Faria Júnior, e de Maria Gomes de Nóbrega. Nasceu em Angola em 25 de Março de 1935; e no dia 26, o Senhor MANUEL RIBEIRO CARDOSO, filho de Palmira Ribeiro Cardoso, e é casado com a Senhora Maria Alves Condoso. Nasceu em Apúlia no dia 29 de Janeiro de 1921.

A todos os familiares, em luto, apresentamos sentidos pêsames.

EXORTAÇÃO AOS JOVENS

*A criança, é como a flor...
é como a rosa entre espinhos!...
Precisa muito de Amor,
rodeia-a, tu, de carinhos.*

*E, atnda, se tu puderes,
aos velinhos dá ternura...
porque se assim o fizeres
na vida terás ventura.*

*Tu, ontem, foste criança,
amanhã... talvez velinho!...
Retém isto na lembrança.*

FLORINDA ALMEIDA

NOVO TALHO
JACINTO

Carnes de Qualidade

"APÚLIA"

Talho 1 - ☎ (053) 981920

Talho 2 - ☎ (053) 981946

FAX (053) 981920



CONHEÇA-O MELHOR, CONHEÇA-O POR DENTRO

DR. ALBERTO VALE

QUESTIONÁRIO DE PROUST

- Que é para si o cúmulo da miséria?
- *Tudo ter e nada possuir.*
- Onde gostava de viver?
- *Em Fão, obviamente.*
- Qual é o seu ideal de felicidade terrestre?
- *A coesão familiar.*
- Para que faltas tem mais indulgência?
- *Para todas.*
- Que heróis de romance prefere?
- *Os altruístas.*
- Qual é a sua persoaagem histórica preferida?
- *Camões.*
- Quais são os seus heróis preferidos da vida real?
- *Os meus filhos.*
- Qual o seu pintor preferido?
- *Rembrand*
- Qual o seu músico preferido?
- *José Afonso.*
- Quais são as qualidades que prefere no homem?
- *Humildade, caridade e dignidade.*
- Quais são as qualidades que prefere na mulher?
- *Fidelidade.*
- Qual é a virtude que prefere?
- *Humildade.*
- Qual é a sua ocupação favorita?
- *Ler.*
- Quem gostaria de ter sido?
- *Ninguém.*
- Qual é o principal traço do seu carácter?
- *Sinceridade.*
- Qual é a qualidade que mais aprecia nos amigos?
- *Sinceridade.*
- Qual é o seu principal defeito?
- *Gostar demasiado da minha terra.*
- Qual é o seu sonho de felicidade?
- *Que os outros o fossem como eu.*
- O que seria para si a maior infelicidade?
- *A solidão.*
- Quem é que gostaria de ser?
- *Eu.*
- Qual é a cor que prefere?

- *Azul.*
- Qual é a flor que mais gosta?
- *Rosa.*
- Qual o pássaro de que mais gosta?
- *Pintassilgo.*
- Quais são os seus escritores preferidos?
- *Camilo e Eça.*
- E quais os seus poetas preferidos?
- *Camões, Régio e Pessoa.*
- Quais os seus nomes preferidos?
- *Os nomes bíblicos femininos.*
- O que detesta acima de tudo?
- *A jactância.*
- Quais são os caracteres históricos que mais abomina?
- *A ditadura das ideias.*
- E os feitos históricos que mais admira?
- *Em prol da liberdade.*
- Qual é a reforma que mais admira?
- *A que ao longo do tempo se foi processando no campo do trabalho.*
- Qual era o dom da natureza que desejava ter?
- *O da renovação.*
- Como gostaria de morrer?
- *Sem saber que estava a acontecer.*
- Qual é o seu presente estado de espírito?
- *Paz.*
- Qual é a sua divisa?
- *A dignidade.*



PEDRAS QUE FALAM

Por MARIA SALOMÉ

É manbãzinha. Chove. um céu cinzento de bruma, como borralha, envolve e envolve-nos. Olhei o calendário e li esta coisa espantosa:

— *Já é Março!*

Os tempos andam mudados.

Estou saturada de gabardines e guarda-chuvas. São objectos que cansam.

Anseio pela Primavera, quando tudo cresce na terra verde e florida e dá vontade de se ser bom.

Aqui, na sala, reina um silêncio desusado. Eu penso (não sei fazer muito mais do que isso) e olho, negligentemente, a minha mão esquerda a segurar o papel.

Gesto simples, sem sentido literário e, no entanto, eu vou escrevê-lo aqui.

Não tenho mãos de velha e agora recorro, sem vaidade (não sou, nunca fui dessas vaidades) que sempre me gabaram a beleza das minhas mãos. E tem graça: só, mas mesmo só, acreditem, agora dei por isso!

No anelar há um ingénuo anel que brilha no cinzento da manbã.

Lá do fundo, no quarto, a telefonia fala, fala coisas que não ouço, mas as palavras emprestam vida a este acordar angustiado. Onde está Fão? Tão longe! Tão inacessível!

São oito horas da manbã. Ouço-as no relógio da capela aqui do lugar.

Ab! Sonhei esta noite com água batendo nas fragas, por entre campos de verdura. Como tenho gravado esse campo e o fiozinho de água bailando nos socalcos...

Bonito sonho!

A manbã vai crescendo. Amaranhe é um túnel de nevoeiro. Eu, um pássaro que se perdeu pelo caminho e que esvoaça, tonto, à procura de nem sei o quê.

Talvez de uma grande fé que, ao mesmo tempo que aquece, acerta a tempestade.

Mas este pássaro tonto tem cabeça e a cabeça faz arrefecer tudo e a fantasia, a busca da casa, esvoaça, esvoaça, em torno de um sonho alado, sem poder tocar-lhe.

Qualquer dia, qualquer dia, como D. Sebastião, o meu sonho surgirá, mas, desta vez, num nevoeiro azul.

E Fão lá tão longe!

PÁGINA JOVEM

DIA DOS NAMORADOS

Olá, jovens! Mais um passo a aproximar-nos das férias da Páscoa! E, por falar nisso, dos resultados escolares... oxalá não vos falte a força e a determinação para rabalharem com vista ao sucesso! vamos a isso?

AMANHECER NA ALDEIA

Por DONATO QUEIRÓS

(Continuação)

No riacho o cochar das rãs diminui, os raios de sol tornam as águas límpidas e transparentes do riacho, num espelho resplandecente de luz, onde os juncos e caniços se lavam e admiram ao acordar.

Pelos caminhos, passam animais, também eles começam o seu dia, aqui e além já se vêm pessoas a trabalhar nos campos, a trabalhar a terra escura e fértil, que sustenta a família, ao fundo, ao pé do poço lá está a merenda, pão milho, toicinho, azeitonas, a cabaça do vinho, não faltando as sardinhas fritas.

No ar corre apenas uma brisa, que embala as flores e as ervas.

De todos os lados aparecem borboletas de mil cores que transformam aquele espaço rural num imenso salão de baile.

As crianças correm na direcção da escola, com o farnel na mão, hoje vão fazer um pique-nique.

As primeiras andorinhas começam a chegar fazendo acrobacias, voam lá no alto e de repente descem quase batendo no chão.

Ouve-se o eco de um tractor, um som lento, compassado, de quem está farto do mesmo trabalho.

Na estrada principal que corta a simplicidade e pureza deste mundo campestre, passam pessoas que vão trabalhar entre sorrisos simpáticos e bem dispostos.

Lagartixas e lagartos estendem-se nas pedras cinzentas a apanhar os primeiros banhos de sol desse dia, uma aranha tece uma teia entre duas plantas, como quem tece um tapete de seda num tear.

(Continua)



Desenho de MARÍLIA

PAUSA PARA SORRIR

Duas vizinhas zangaram-se e discutem violentamente. Diz uma:

— Eu não disse nada disso, é mentira! O que tenho a dizer, digo directamente à pessoa, não ando a falar por trás! Ou você pensa que eu tenho duas caras?

Ora acontece que essa senhora era muito feia, pelo que a outra aproveitou para lhe responder, muito trocista:

— Tomara você ter duas caras, para não ter de sair à rua com essa que tem, que é mesmo um castigo!...

★

Num prédio em construção. Um operário, que trabalhava em cima de um andaime, ao nível dum terceiro andar, cai à rua.

As pessoas acorrem, julgando-o morto, mas, com uma sorte incrível, apenas estava ligeiramente ferido. Logo acorre uma senhora, muito solícita, com um copo de água:

— Beba, beba, que lhe faz bem.

O homem, encolhe os ombros, resignado, e interroga:

— De que andar é que eu precisaria de cair para ter direito a um copo de vinho?...

Era uma vez
uma flor
que abriu
em pétalas
no Verão.
E nasceram
dois botõezinhos
que se juntaram
em forma de coração,
no dia dos Namorados.
E, ao nascer do Sol,
deram um beijo
que deu a Paz
a todo o Universo.

JOANA SÍLVIA

IMPECILHO


Um elefante
tem que ter atenção,
é um bicho gigante
não cabe na televisão.

Se esticam sua pele
parece um balão.
Deitado no papel
é um grande borrão.

E se você julga
que parece mal
falar assim deste animal,
pode pôr uma pulga
como ponto final.

SIDÓNIO MURALHA
in «Voa, Pássaro, Voa»

ESTA FOLHA TEM O
PATROCÍNIO DE:

Impetus® 

ESPOSENDE

Por ARTUR L. COSTA

MOINHO DE ABELHEIRA: PATRIMÓNIO HISTÓRICO

Conserva-se na memória de muita da nossa gente, o grupo de moleiras que de Abelheira desciam à Vila para distribuição das fornadas; e dos muares, único meio de transporte acessível à profissão, numa encarnação do poema de Guerra Junqueiro; do ganha pão de muitos humildes, hoje, doce recordação, embora triste pelas agruras na luta pela sobrevivência. Por isso, toda a zona do lugar foi classificada de interesse público, de âmbito concelhio.



O moinho de Abelheira, volvidos tantos anos, é por nós considerado o baluarte do património e da história de um povo, dos seus costumes, da etnografia, com sabor vincadamente aldeão. Tente-se, por isso, evitar o esquecimento e o malbaratar deste património.

O ABANDONO DA ACTIVIDADE

Construídos em granito, os moinhos tinham cerca de três metros de diâmetro, por cinco de altura, dispunham de oito mastros e de quatro velas reguláveis conforme o sentido do vento. A capacidade de moagem atingia, diariamente, 20 arrobas de grão, numa prospecção feita por entre os habitantes da freguesia e de localidades vizinhas, incluindo a sede do concelho.

A moderna maquinaria, com métodos mais avançados fez baixar a produção e, conseqüentemente, o rendimento para o sustento da família. Este facto originou, muito compreensivelmente, o abandono desta actividade artesanal em favor de outros postos de trabalho melhor remunerados.

A emigração contribuiu, também, para o abandono das moagens por moinhos de vento ou de água (azenhas) pois, nos tempos decorrentes, já ninguém conseguia meios para subsistência do agregado familiar. Era um negócio demasiado primitivo.

Na época de setenta, o industrial resistente ao modernismo das moagens era Sebastião Ferreira da Câmara, único da geração que estamos a reviver, activo apesar da avançada idade. E não conseguimos, à data do encontro, arrancar quaisquer declarações sem que viessem à baila algumas peripécias; quanto a visitas especiais, isto é, primeiro a oferta e, só depois, as informações. Com alguma lógica argumentou: «Nunca quiseram saber da gente e agora que paguem». Mas, excepcionalmente, disse, por ter parentes na Vila e saber quem lhe falava, «vamos às falas!»

MOINHO, LUGAR ROMÂNTICO

Disse que por volta de 1918 assistiu à construção de vários moinhos, descreveu o seu funcionamento por acção dos ventos e afirmou gostar de trabalhar no verão, com vento fresco de norte/nordeste, por vezes até de noite. Mostrou a função das mós, como aparecia a farinha no operador

e todo o engenho, desde que o vento embatia forte nas velas...

Empoleirado no andar de cima do moinho, gritava: «Não há nada tão bonito como os moinhos de vento. Isto de ouvir cantar a mó, é um regalol!» e acrescentava com alguma melancolia, num desabafo triste, que não havia ninguém capaz de lhe dar continuidade.

Diria, ainda, do seu desgosto ao ver outros a serem transformados em vivendas para fins de semana aprazíveis, «com boas companhias». E veio a recordar alguns episódios burlescos, entre eles, «As meninas de sapatinho fino a escorregar no caminho». E soltava risadas, gostoso, do que vira.

Também recordou as brigadas, sobretudo de intendência, em busca do milho; os homens do cinema e os turistas, entre outros visitantes simpáticos, na procura de lugares românticos.

A era dos moinhos já ameaçava desaparecer. Se havia falta de interessados na arte, o negócio perdia-se na voragem do modernismo e das técnicas. Contudo, o património resistia, talvez na esperança de outros dias melhores.

MUSEU VIVO

Com o desaparecimento de Sebastião Ferreira da Câmara, extinguiu-se o mais típico dos moinhos da Abelheira. Marinhas descaracterizou-se. Não totalmente: o Rancho das Moleirinhas vai mostrando quanto vale a tradição.

Os moinhos são, ainda, os testemunhos vivos da história local. Constituem precioso material que poderá desaparecer, embora se trate de «património de interesse público». Qual o futuro do que resta dos moinhos de vento e de água, no lugar de Abelheira, Marinhas?

O dr. Penteadó Neiva, Vereador da Cultura na Câmara Municipal de Esposende, sobre a matéria, disse-nos: «Um Museu vivo, possui carga pedagógica se houver pessoal habilitado na arte, capaz de esclarecer o funcionamento do engenho, sua história e utilidade no passado, servindo-se de fotografias ou, instrumentos outrora utilizados nas várias funções dos Moinhos e Azenhas».

Em conclusão: um arquivo vivo sobre história natural que os fundos comunitários poderão salvaguardar do desleixo a que estão votadas.

BOMBEIROS: TRABALHO À PONTES

No decorrer do ano de 1994, a Corporação de Bombeiros Voluntários de Esposende teve intensa actividade de que resultou a ocupação média, ininterrupta de 24 horas por dia.

Da análise dos serviços prestados no ano findo, foram 7.531 os casos e gastaram 10.039 horas, tendo percorrido 283.806 km. Realizaram-se 1.319 transportes. Entretanto registaram-se 26 mortos por acidentes.

O serviço de incêndios registado atingiu 68 casos, subdivididos pelas seguintes áreas: fogos rurais 39; urbanos 16; industriais, 2; em transportes, 4; outros fogos, 7. Registaram-se 395 acidentes com predomínio dos rodoviários que têm provocado alguns casos a que os Bombeiros tiveram de acudir contam-se 66 por agressões, doenças súbitas, 605, intoxicação, 41, partos, 29 e, por quedas, 225.

Podemos esclarecer que o serviço total dos Bombeiros teve de ocupação o correspondente a 419 dias.

A Corporação de Esposende dispõe de cerca de 80 efectivos, tem quatro viaturas de combate a incêndios, 12 ambulâncias, para um concelho de 30 mil habitantes.

CONCHAS MARINHAS TROPICAIS NO MUSEU

Conchiologia é um dos temas que entrou no Museu Municipal pela mão de Leonel Pinto, «esposendense de alma e coração», como se afirma.

As conchas expostas são bivalves e gastrópodes, seres que vivem em fundos rochosos, de areia ou de corais, nas águas tropicais ou mediterrânicas que banham países influenciados pelos climas.

As costas marinhas, devido ao clima, provo-

cam uma infinita variedades de conchas que, de facto, dispostas metodicamente, constituem uma forma muito curiosa de as vermos e de as apreciarmos.

Estão expostas peças oriundas das mais diversas zonas do Globo: de Caraíbas, Panamá, Brasil, Nova Zelândia, Austrália, Japão, além de países europeus, casos de Portugal, Itália, Inglaterra, curiosamente, uns exemplos de parasitagem originária do Mediterrâneo.

Conchas minúsculas, até das mais avantajadas, de vários locais, chamam as atenções dos menos atentos, sobretudo pela variedade de cores, formatos, de entre os quais sinuosas, naturalmente influenciadas pelas águas tropicais e climas das zonas do Globo.

A exposição resulta de um trabalho longo de recolha: «Desde que me dedico a coleccionar de forma amadorista conchas marinhas, cujo interesse surgiu casualmente», afirma Leonel Pinto na apresentação desta exposição.

Devemos referir a colecção de António Teixeira Dias, natural de Fão, bem interessante e vistosa e que se poderá aliar a Leonel Pinto na motivação de futuros coleccionadores, sobretudo, os jovens.

A exposição encerra a 15 de Março.

ARQUEOLOGIA: OFICINAS DE APRENDIZAGEM

No decorrer do ano, os serviços de Arqueologia e do Museu Municipais, vão levar a efeito algumas acções de interesse pedagógico, no intuito de mostrar aos jovens como se trabalha na descoberta de obras de interesse.

Assim, estão programadas as seguintes acções, independentemente de outras que possam vir a ser organizadas;

Em realce, «O que é a Arqueologia — Oficinas de Aprendizagem» programa que poderá ser financiado com fundos comunitários.

«Esculpir o sublime — Cristo Crucificado» dedicado ao período de 29 de Março a 30 de Abril, Semana Santa, seguindo-se «Evocativa dos Descobrimentos», de 10 a 30 de Maio.

Outra das acções ocorrerá no mini-audatório do Museu, dedicado ao ciclo «A Arte como Património», a pintura em tecido e couro, de 5 a 15 de Abril. Em destaque, a pintura em couro de Lousada Gal.

No Espaço 2 do Museu, 1.º andar, até 30 de Março, «Esposende: Notas etnográficas e, o Concelho em visita», sendo a primeira sessão dedicada a S. Bartolomeu do Mar (15 de Abril); 2.ª sessão, em Junho, Palmeira de Faro, nas comemorações dos 800 anos do nascimento de Santo António, com programa de muito interesse, com reposição de algumas tradições.

No espaço 1, 2.º andar do Museu, «Do Paleolítico aos nossos dias».

Entretanto, até finais de Março, na recepção, haverá exposição e vendas de gravuras de Maria Irene Ribeiro, artista plástica natural do concelho de Esposende.

De referir, ainda, o programa previsto para as comemorações do nascimento de Santo António. Destacamos, entre outras acções, (ainda em preparação), quer pelo Padre Armindo Patrão, o Párrico, quer pela dr.ª Ivone Baptista, de colaboração com o dr. Rui Cavalheiro, poderemos adiantar: exposição iconográfica de Santo António, além dos festejos tradicionais, e a reposição da vaca do fogo, um número que foi suspenso devido a situações inconvenientes.

Sobre este programa, talvez inovador, e pela data em comemoração, é de admitir que Paróquia e Autarquia tenham muito de comum nestas comemorações antonianas.

ASSEMBLEIA MUNICIPAL APROVA AJUSTE DIRECTO A PLANOS DE PORMENOR

Na reunião de 24 de Fevereiro/95, a Assembleia Municipal aprovou propostas do Executivo para autorização de ajuste directo à elaboração de planos de pormenor e de projectos de candidatura ao Fundo de Coesão.

Os trabalhos decorreram em ritmo e tom de «conversas em família», tendo aprovado, após esclarecimentos dados pelo Presidente da Câmara Municipal, aos assuntos constantes da agenda e ordem do dia.

A proposta de alteração ao Plano de Pormenor

da Zona Norte da Cidade de Esposende, que mereceu declaração de voto dos representantes do Partido Socialista, devido «à falta de estudo de impacto ambiental», foi aprovada por maioria. Já as propostas de alteração à tabela de taxas, talvez por corrigir os coeficientes de aplicação, recebeu o voto unânime da Assembleia. De facto, os valores praticados, conforme esclareceu Alberto Figueiredo, eram exorbitantes, daí, as alterações.

Outro dos assuntos em agenda, referia-se ao ajuste directo para elaboração de projectos de Planos de Pormenor em Apúlia, Forjães e Marinhas que na votação mereceu aprovação. De igual modo, o estudo económico de projectos e de planos a candidatar ao fundo de Coesão.

A Assembleia aprovou, ainda, a proposta de limite máximo de ajuste directo de obras a executar pelos Serviços Municipalizados, em paridade com o Executivo Municipal, contribuindo para uma maior autonomia e operacionalidade do respectivo Conselho de Administração.

CANDIDATURA AO FUNDO DE COESÃO

O presidente da Câmara Municipal, nos termos legais, informou a Assembleia das acções desenvolvidas neste ano, com evidência para «revitalização e requalificação do centro urbano de Fão, no valor de 57.250 contos e outro referente à elaboração dos Planos de Pormenor», previsto e calculado em 19.250 contos.

Informou, também, da preparação e assinatura de um protocolo de várias «candidaturas ao PROAM (Programa Operacional do Ambiente) e ao Fundo de Coesão», onde intervém a Secretaria de Estado do Ambiente.

Continua em estudo, «a possível privatização da recolha de lixo», tendo em conta as propostas recebidas.

Quanto à Sociedade Águas do Cávado SA, estão a ser elaborados alguns projectos de obras, no âmbito das negociações feitas com a Secretaria de Estado do Ambiente, ainda em curso, onde se prevê seja a referida Sociedade a assumir a construção dos depósitos do Bouro, S. Lourenço e Vila Chã.

A informatização dos serviços administrativos e do Gabinete de Desenho das obras particulares, está a ser implementado, em resultado do contrato-programa celebrado no âmbito do PROSIG.

MARINHAS E APÚLIA EM DÁDIVA DE SANGUE

No dia 4 de Março, no Salão Paroquial de Marinhas vai proceder-se à recolha de sangue, resultante de dádivas, numa iniciativa da Associação de Dadores de Sangue de Esposende. A campanha lançada pela Associação obteve bons resultados, mantendo a acção pela área do Concelho de Esposende. Por isso, no dia 12 de Março, a dádiva será em Apúlia, com recolha no Centro Paroquial, onde se espera a maior adesão de dadores.

O Instituto Português de Sangue e as Paróquias de Marinhas e de Apúlia continuam na primeira linha do apoio à iniciativa, sabendo-se das dificuldades e dos problemas resultantes do sangue vindo do estrangeiro. Pretende-se «sangue de portugueses para portugueses».

Da campanha de Esposende, compareceram 67 pessoas a dar sangue. Pelos exames médicos efectuados, apenas 54 estavam em condições sanitárias ideais e 13 foram adiadas.

A Associação agradece a generosidade das dádivas, reconhecendo ter sido esta uma das melhores efectuadas no Concelho.

AVE MARINHA VIVA COM HIDROCARBONETOS

Na praia de Fão, Domingos Reis Assunção, figura bem conhecida no meio, recuperou uma ave marinha, anilhada, com pesada carga de hidrocarbonetos (petróleo bruto).

O aparecimento da ave marinha, a sofrer os efeitos da poluição de que são vítimas várias espécies, é uma constante, a demonstrar o abuso de descargas de efluentes nas águas do mar, meio ambiente de animais que sobrevivem com os recursos naturais.

Segundo apuramos, o efeito das acções poluidoras, consequência de naufrágios de navios transportadores de petróleo bruto, põe em risco a sobrevivência dos animais marinhos.

Compete à autoridade marítima a fiscalização

dos actos apontados e de responsabilizar os infractores, de acordo com a Resolução do Conselho de Ministros 25/93, de 15 de Abril.

MUNICÍPIO EM MUDANÇA DE INSTALAÇÕES PAÇOS DO MUNICÍPIO MAIS NOBRE

Sem perder as características e a traça iniciais, a ampliação do edifício dos Paços do Município vem trazer acentuada melhoria na sua funcionalidade e, por outro lado, concentrar alguns dos serviços dispersos.

Cabe referir, dentro das características do edifício, o predomínio dos materiais aplicados: vidro, aço inoxidável, granito e o cobre, enquadrado no centro histórico da cidade. É nobre, sem perder a traça inicial pois, data de 1732, com sobriedade de linhas, identifica-se na época da sua construção.

A sala das sessões, depois de passar por obras de manutenção, vai manter-se na mesma ala a poente, com ligações aos gabinetes da vereação, do presidente da autarquia e serviços de apoio.

Neste projecto não foi esquecida a comodidade do pessoal e dos munícipes, com atendimento personalizado. Desnecessário será dizer que deixam de «passar» pelos corredores em busca da salvação para a solução do problema de quem perde o norte.

As novas instalações, de momento, não terão festa, nem cerimónias protocolares. Apenas a mudança.

A entrada principal será pela rua 1.º de Dezembro, com novo esquema para efeitos de controlo nas entradas e saídas, serviço que terá a incumbência de orientar e informar os munícipes.

Os serviços administrativos ficam instalados no rés do chão, com atendimento e tesouraria, além dos apoios de contabilidade. As informações estão localizadas no andar superior.

Os serviços de Executivo foram instalados no 1.º andar, entre eles, os gabinetes dos Vereadores a tempo inteiro e, bem assim, para os representantes dos Partidos que compõem os órgãos municipais, incluindo o presidente da Assembleia Municipal. É no 1.º andar que passam a funcionar os serviços de obras particulares, gabinetes de desenho e os responsáveis técnicos, fiscais, os apoios e um gabinete para aconselhamento público e de informações sobre os processos entrados.

Na cave, a receber luz natural através do claustro envidraçado, além do arquivo municipal, dispõe de gabinete para consulta pública de documentos.

O edifício passou por ampliação e obras de conservação ao longo dos mais de duzentos e sessenta anos de existência. Em 1893, é solicitada autorização a S.M. o Rei para aquisição «de moradia de casas torres por 350 mil réis», para ampliação e incluir a Repartição de Fazenda e da Administração do Concelho.

Outras obras se seguiram até que em 1955, devido à homenagem nacional ao Poeta Correia de Oliveira, foi colocado seu busto no centro da nova praça. Alexandre Losa empreendeu uma profunda remodelação no edifício que veio a ser inaugurado em 15 de março de 1981, tendo presidido o dr. Fernando Amaral, Ministro da Administração Interna. O custo da obra foi de 13 mil contos, projecto do Arq.º Noé Diniz.

No mandato de Alberto Figueiredo, fez-se ampliação e remodelação profunda das instalações e obras de manutenção e remodelação no edifício base. Custo aproximado da obra: 150 mil contos.

O Rouxinol

É o jornalzinho das escolas de Santa Bárbara. Saiu mais um número perto do Natal. É uma lufada de ar fresco que nos entra pela porta dentro. Este jornal (é pena não os numerarem desde que saiu o primeiro) não fica nada a dever aos anteriores. Tem de tudo: elogios à terra o que significa amor, contos, textos com preocupações pelo meio ambiente, anedotas, descrições de acontecimentos vividos e, como se estava perto do Natal, já saíram uns recados ao menino Jesus.

Transcrevemos, talvez por ser o mais significativo, o artigo da primeira página intitulado «A Tarre Natal»: «A minha terra é muito antiga. Foi uma grande cidade «Águas Celenas», mas depois decau e as arelas cobriram-na.

Fão fica situado à beira-mar, no Minho, pertence ao concelho de Esposende, distrito de Braga. A minha terra é dotada de muitas maravilhas naturais, por exemplo: o mar e a praia, o rio Cávado, os pinhais e jardins.

Mas também tem igrejas muito antigas: a Misericórdia, a Matriz, o Bom Jesus, a da Senhora da Lapa, a da Bonança e da de Santo António da Fonte; palacetes e instituições sociais: o Hospital, Lar da Terceira Idade, o Infantário, os Bombeiros, os Correios, o Clube de Futebol, o Clube Náutico, o Centro Cultural, a Junta de Freguesia, as Escolas e o Salão Paroquial.

Também descobriram a Necrópole das Barreiras que remonta aos séculos XII e XIV.

Muitos turistas vêm passar férias a Fão. No Verão as pessoas vão para a praia e o rio. Quando os jovens e adultos vêm a Fão ficam nos hotéis, na Pousada da Juventude ou vão para o parque de campismo. A minha terra é servida por bons meios de transporte. Temos duas pontes, uma com 160 anos e a nova que ainda não foi inaugurada. Os fanguetos foram sempre muito amigos da sua terra. Fão é uma vila encantadora desde 20 de Janeiro de 1976. Tenho muito orgulho de nascer e viver em Fão.

Lilliana.

E dadas as preocupações nele (Rouxinol) reveladas, preocupações a revelar um forte sentido humanista, não resistimos a dar a conhecer o texto que tem por títulos: *Se... «Se eu encontrasse uma fada poderia pedir um desejo à minha escola.*

Eu pediria para ter poderes mágicos, para poder acabar com as guerras e dar de comer aos pobres pedintes. Depois faria com que todos fossem amigos e nunca nos zangássemos.

Com esses poderes, poderia seguir uma carreira artística ao lado de todos os mágicos do mundo.

Curaria todos os doentes com feridas e doenças graves.

É uma pena que as fadas só existam nos sonhos.

Hugo Francisco, 4.º ano»

N.R. Que bom seria para o mundo se todos os seres humanos tivessem as aspirações o Hugo Francisco.

**Se és bairrista utiliza o banco local
Se és bairrista usa o Correio da terra
Se és bairrista faz as compras em Fão**



A fachada do edifício dos Paços do Concelho

O BOM JESUS DE FÃO

ALAMEDA (CONTINUAÇÃO)

Por CARLOS MARIZ

Talvez por isso e para calar a «reacção», a Câmara Municipal registou na acta de 5-7-1922, que, após averiguações efectuadas concluíra que era obrigada a zelar, «com autoridade de jurisdição sobre o terreno»... e resolveu «responder à Confraria do Bom Jesus que a Comissão Executiva, em sessão de 21 de Março, resolveu autorizar a Confraria a fazer a venda em hasta pública das árvores que se encontram caídas, sem prejuízo dos seus direitos às árvores restantes e quaisquer outras que venham a ser plantadas em lugar das existentes». E, no ano seguinte, «chama a si a venda das árvores, revertendo o seu produto para plantação de novas árvores e aformoseamento da mesma Alameda, encarregando o Ex.mo Sr. Dr. Henrique de Barros Lima de fiscalizar as respectivas obras». Isto é simplesmente estranho!!

A Câmara Municipal não gasta dinheiro, não paga os terrenos, não paga as árvores, nada faz pela Alameda durante 35 anos e considera-se dona da mesma, quando a Comissão que a construiu a entregara à Irmandade, após a sua construção e sempre estivera na posse da Irmandade!!

A Comissão de 1923, que era a mesa da Irmandade, uma vez aprovada a planta, lançou-se com entusiasmo à obra: abateram as árvores antigas, fizeram novos canteiros, circundados com meios fios em granito, fecharam a Alameda com muro capeado com esquadria (lado sul e poente), colocaram bancos nos jardins, fizeram o coreto, plantaram novas árvores (tílias), alinhadas ao longo da via principal e renovaram o piso das ruas.

As obras estavam adiantadas quando, em 6-10-1924, faleceu o Provedor. Este, antes de morrer, pediu à mãe, D. Amélia Dias dos Santos Lima, que desse ao Bom Jesus o saldo a seu favor, e acrescentasse mais mil escudos. Esta senhora, por intermédio do filho, Dr. Artur de Barros Lima, entregou as referidas quantias, acrescentando 890\$16, para total pagamento do débito.

Pela acta de 22-11-1924 verifica-se que a receita e despesa até essa altura foram as seguintes:

Receita:

1.ª venda das árvores	680\$00
2.ª venda das árvores	7.300\$00
Oferta de Anselmo Moreira	2.000\$00
Idem, de um anónimo	100\$00
Do Dr. Henrique Barros Lima	2.501\$14
idem, deixado nas disposições verbais	1.000\$00
De D. Amélia D. S. Lima	890\$00
Total	14.471\$30

Despesa:

Ferreiro António de Faria que trabalhou no coreto	616\$50
Inácio Gonçalves Turra, de trabalho no coreto	1.828\$30
Cimento, tintas, etc.	951\$60
José Aves, trabalho de trolha e coreto	694\$30
Manuel Ermida, trabalho de pedreiro	6.528\$70
A Industrial de Fão, Lda, de serragem e trabalhadores	167\$50
Total	14.471\$30

Na sessão, presidida pelo Secretário, Celestino Gomes Pires, este propôs se enviassem à Câmara Municipal de Esposende estas contas com ofício em que se dizia: «a Comissão de iniciativa particular, que sob a presidência do falecido Dr. Henrique de Barros Lima tomou a seu cargo o aformoseamento da antiga alameda do Bom Jesus, vêm dar a V.ª Ex.ª conta da missão que tão gostosamente sobre si tomaram dentro da medida das suas forças e das autorizações que V. Ex.ª lhes haviam dado, nomeadamente em ofício de 17 de Julho de 1922...». Realçavam «que sem o auxílio material do nosso saudoso presidente, o Dr. Henrique de Barros Lima, não se teria levado a cabo a grandiosa obra por ele delineada. Mas o que é mais e do que é testemunho vivo a memória imperecível que entre nós todos deixou, tal empreendimento não se teria realizado, se não fora a sua tenacidade indomável, a sua diligência incansável, o seu espírito de sacrifício levado ao supremo grau... e a terminava: «Resta agora continuar-se e conservar-se a obra com tanto carinho architectada e executada. Para isso muito conta a Confraria do Senhor Bom Jesus de Fão com a boa vontade sempre manifestada pela Ex.ma Câmara, esperando apenas que esta se digne honrá-la, pondo à guarda e conservação da mesma Confraria o recinto da actual Avenida do Bom Jesus. Será esta, pelo que respeita aos abaixo assinados, a melhor forma de comemorarem e honrarem a memória do seu dedicado companheiro e amigo».

A 23 de Novembro de 1924 o senhor Joaquim Pinto de Campos tomou posse como Juiz da Confraria.

A 3 de Janeiro de 1925, em sessão especial, a Câmara reuniu-se sob a presidência do Dr. Alexandre Henrique Torres que, após a leitura do ofício acima referido, «propôs se lançasse na acta um voto de sentimento pela morte do malogrado médico municipal de Fão, Ex.mo Sr. Dr. Henrique de Barros Lima, cuja personalidade se destacou exuberantemente no nosso meio pela forma cativante como sabia sempre acolher todos os empreendimentos e iniciativas, que se destinavam ao progresso da terra, aonde nasceu, e assim, como elevada homenagem pela consolidação da sua pessoa e como reconhecimento pelos raros dotes, que exornaram o seu lidíssimo carácter, propunha que ficasse confiada à Confraria do Bom Jesus de Fão, toda e qualquer obra, modificação, alteração e limpeza e fiscalização da Alameda ou jardim em frente ao Santuário do Bom Jesus, até porque melhor competia o exercício dessa missão a quem de perto pode zelar com melhor proveito uma obra, que a todos os títulos pertencia à freguesia de Fão...». «A Excelentíssima Câmara, por concordar e achar muito justas as propostas apresentadas pelo Ex.mo Presidente, aprovou-a à pluralidade de votos».

A 20 de Janeiro de 1925 a Mesa aceitou a oferta à Confraria e resolveu oficializar nesse sentido à Câmara Municipal de Esposende, exarando na acta um voto de louvor à Câmara.

Nesta sessão, o Juiz informou que as obras para concluir a Alameda deveriam custar cinco mil escudos, propondo se abrisse uma subscrição em Fão e no Brasil e onde residam filhos de Fão. As obras foram reiniciadas a 25

de Março de 1925. A 6 de Maio resolveram colocar no coreto uma placa com o nome do Dr. Henrique, para lembrar aos vindouros que ele foi o iniciador do aformoseamento da Alameda. Não o concretizaram.

A 1 de Julho de 1925 tomou posse nova Mesa presidida pelo Doutor João Gonçalves Pereira de Barros, que autorizou a Mesa anterior a prosseguir com os trabalhos sob fiscalização da Mesa gerente. Nesta sessão, com data de 30-6-1925, foi apresentado um relatório, elaborado pelo Senhor Pinto de Campos, pelo qual se verifica que com as subscrições em Fão, Brasil e Porto haviam arrecadado 2.948\$50 e que tinham gasto nas obras 3.453\$06. Destaca-se a despesa de 3.182\$60 no coreto. O déficit de 504\$56 foi emprestado por Pinto de Campos até virem do Brasil as importâncias que esperavam, em resposta às circulares para lá mandadas.

Além desta despesa, há a contabilizar os trabalhos gratuitos feitos por várias pessoas, algumas bem humildes, que mais não podiam dar do que seu trabalho, prestando assim valioso serviço. Para que tal sucedesse, houve apelo do Prior Padre António Alves Nogueira e do Director João de Barros.

A Mesa de 1925/1926 autorizou o Provedor, a 15 de Outubro, a proceder ao ajardinamento dos canteiros e, pela acta de 10 de Janeiro de 1926, vê-se que o Dr. João de Barros cumpriu a sua missão, mandou substituir árvores velhas por novas, podar as que tinham pegado, pagando do seu bolso toda a despesa.

ASSALTOS

Estamos em tempos de crise económica, sem que a apregoada «retoma» se faça sentir entre nós. Como assim é, surgem os assaltos que muitas vezes é para matar a fome e em outras serve para arranjar a maldita droga.

Este mês a vítima principal foi o Sr. Carvalho que sofreu dois assaltos: um, na pastelaria, e outro na mercearia de onde levaram dinheiro.

★

O restaurante Caruncho também foi visitada pelos amigos do alheio.

★

Nos novos arruamentos existentes em frente às Rodas, o estabelecimento, ou antes, uma arrecadação pertencente ao empreiteiro José Vilar Patrão foi igualmente revisitado pela gatunagem que levou dali mercadorias no valor de mil contos.

★

Outro roubo espectacular sucedeu com o Sr. Lima, da Rita Fangureira. Foi pescar ou agarrar lampreias na Barra e deixou, como de costume, o seu casaco no carro em cujos bolsos se encontrava a carteira. Já é tradição roubar ao sr. Lima casacos. Só que desta feita o larápio, que nos dizem ser de Apúlia, deixou a peça em paz e limitou-se a apossar-se de três cheques. No dia seguinte veio ao Banco de Fão e tentou levantar dinheiro com eles. O caixa, que já estava de sobreaviso, lá conseguiu empaleir o homem ao mesmo tempo que por telefone entrava em contacto com o dono do cheque e com a GNR de Esposende. Esta apareceu de imediato e o apuliense, que está casado com uma fangureira, nessa noite já foi dormir à cadeia de Viana, onde ficou a aguardar julgamento.

DESPORTO

Por JOÃO PEDRAS

FUTEBOL

Campeonato Distrital da Divisão de Honra da A. F. Braga

Últimos resultados: Lagense, 2 - Fão, 3; Fão, 0 - Águias da Graça, 2; Garfe, 3 - Fão, 1; Fão, 1 - Serzedelo, 2.

Mesmo contando com a primeira vitória fora de casa, o Clube Futebol de Fão passou neste período a fase mais negra desta época. E se não acreditávamos no sonho da equipa se manter invencível dentro de portas, também não estaríamos à espera de duas derrotas seguidas. Entre estes desaires em Fão e o êxito no Lagense houve uma grande diferença: é que para conquistar essa vitória os jogadores fangueiros tiveram que lutar muito não só contra o adversário mas também contra o juiz da partida que após o resultado dois a zero a favor do Fão, tudo fez para que os visitados chegassem ao empate por linhas travessas. Estava, porém, escrito que a equipa fangueira iria conseguir a primeira vitória em terreno alheio. Para isso acontecer, repetimos, os nossos atletas tiveram que lutar muito e acima de tudo não podemos esquecer que, dos três golos marcados pela nossa equipa, dois foram obra de defesa central Valdemar.

Quanto às derrotas sofridas em nossa casa, a primeira foi-nos infligida por uma boa equipa que, ainda por cima, beneficiou da inspiração de um seu avançado que em poucos minutos enfiou de rajada os dois golos que ditou o resultado final. O conjunto fangueiro nunca conseguiu recompôr-se desse choque e, sem apelo nem agravo, teve que aceitar a supremacia do visitante. Já na segunda derrota o caso foi diferente.

Nunca os forasteiros foram superiores aos visitados nem mesmo quando tomaram a dianteira no marcador. Conseguiu marcar através de uma infeliz jogada do nosso defesa Pedro que ofereceu de bandeja essa oportunidade ao seu antagonista. Pedro que veio a redimir-se desse erro na segunda parte com um portentoso remate quase do meio do campo que deu o golo do empate, golo esse que deu mais ânimo aos nossos rapazes, obrigando os adversários a defenderem o empate a todo o custo, mas com os avançados fangueiros em dia não. Os espectadoras da casa já se iam conformando com o resultado.

Do mal o menos. Só que até final da partida algo estava para acontecer, e o pior aconteceu com uma infelicidade do nosso guarda-redes bem aproveitado pelos visitantes para conseguirem uma vitória que não estava nos seus planos. Só visto, porque contado ninguém acredita. Mas se com os profissionais estas coisas também acontecem por que havemos nós de criticar os amadores?

Quanto ao jogo de Garfe foi mau demais para ser contado. No começo do mesmo ainda podíamos ter marcado em duas situações que o nosso avançado não soube aproveitar. Depois disso, e após a marcação do primeiro golo dos visitados, foi o descalabro da nossa equipa. O resultado até podia ser pior. Para o final da partida, conseguimos equilibrar as coisas e conseguimos o ponto de honra através de uma grande penalidade.

Mais um jogo em que não chegamos ao final do mesmo com os onze elementos em campo. Há jogadores (felizmente poucos) que são vezeiros nestas atitudes indisciplinadas, o que é mau para eles e para a equipa. No último jogo em casa aconteceu o mesmo e não vamos recordar mais para não indispor os fangueiros que não assistem aos jogos mas que lêem o nosso jornal.

Quanto à classificação actual, não é para deitar foguetes, mas também não é caso para dramatizar. Continuamos a acreditar que esta equipa irá fazer o melhor pois tem valor para isso. Também não podemos esquecer que ela tem sofrido muitos reveses. Não nos referimos às punições disciplinares, mas, sim, às lesões que têm afectado alguns jogadores. Didi, um excelente médio, foi novamente operado; Mateus, defesa central, também foi submetido a um intervenção a um joelho; Jaime sofreu uma lesão arrelviadora numa coxa desde o início da época, o que lhe retirou metade das possibilidades de dar o seu contributo à equipa; Sou-

sa, outro excelente jogador que fisicamente não consegue galvanizar os colegas e adeptos com as suas bonitas jogadas e preciosos golos; e para culminar o desalento, até Zé Maria, um guarda-redes com valor e experiência, não pôde alinhar na última partida em casa por se encontrar doente.

	J	V	E	D	G	P
Delães	21	16	5	0	41	14
Ribeirão	21	13	4	4	38	21
Vilaverdense..	21	11	6	3	38	21
Celoricense ...	21	9	8	4	35	24
Serzedo	21	8	9	4	34	23
Airão	21	7	9	5	22	24
Á. Alvelos.....	21	7	7	7	22	17
Águias Graça.	21	8	4	9	28	20
FÃO	21	7	5	9	19	25
Apúlia.....	21	7	4	10	23	32
Porto D'Ave ..	21	6	6	9	25	53
Esporões.....	21	3	10	8	22	24
Celeirós	21	3	10	8	18	27
Lagense	21	5	6	10	17	30
Garfe.....	21	5	4	12	24	42
Realense	21	2	4	15	12	46

SEDE SOCIAL

Já anteriormente aqui tínhamos noticiado as obras de melhoramento da sede social. Agora que foram terminadas, podemos dizer que no rés-do-chão, contígua com o bar, foi construída uma sala para jogos que já foi preenchida com duas máquinas, dois bilhares de snooker, um bilhar de matraquilhos e uma antena parabólica. No campo de futebol, além do melhoramento do terreno de jogo com um novo piso no início da época, também fomos informados que brevemente serão feitas obras nos balneários. Já várias vezes solicitamos à Direcção do Clube de Futebol de Fão uma fotografia da equipa e dirigentes para aqui a publicarmos.

VETERANOS DE FÃO

Esta foto refere-se à segunda visita que o F. C. Porto fez a Fão, neste caso, com uma equipa de veteranos capitaneada pelo famoso jogador Virgílio.



Veteranos de Fão: em cima da esq. para a dir. - ?, Luís Morim, Ramiro Viana, árbitro, António Martins, Francisco Cubelo, Quintino Araújo, Fallamino, Valdemiro Cardoso, Né Glória, Armando Torre, Coutinho, Carvalho e João Condesso. Em baixo: João Pedras, António Lauro, Manuel Pedras, Raúl Pimenta, ?, Agostinho Araújo, Ramiro Soares, Miro Viana, Adelino do Vale e Geraldino. Média mínima 35 anos.

Calendário da Agenda do Museu

Março

Mantém-se *Do Paleolítico aos nossos dias* (2.º andar).

Dia 18 — Pintura em tecido de Lídia Solinho (Esposende) (18 a 31 de Março/Mini-auditório).

Dia 29 — Esculpir o Sublime — Cristo crucificado (Cristo pelas mãos dos escultores do concelho) (29 de Março a 30 de Abril/Sala dos Azulejos).

Abril

Mantém-se *Do Paleolítico aos nossos dias* (2.º andar). Mantém-se *Esculpir o Sublime* (Sala dos Azulejos).

Dia 5 — Pintura em Couro de Lena Gal (Lisboa) (5 a 19 / Mini-auditório).

Dia 19 — O Concelho em visita — S. Bartolomeu do Mar (colaboração do Centro Social da Juventude de Mar) (19 de Abril a 31 de maio / 1.º andar).

Dia 22 — Pintura em tecido de Ana M. Barbosa e Jorge Nascimento (Póvoa de Lanhoso) (22 a 30 de Abril / Mini-auditório).

Maio

Mantém-se *Do Paleolítico aos nossos dias* (2.º andar). Mantém-se *O Concelho em visita* (1.º andar).

Dia 10 — Evocativa dos Descobrimentos do Tenente José Gonçalves da Silva (EMA) (10 a 31 de Maio / Sala dos Azulejos).

Junho

Mantém-se *Do Paleolítico aos nossos dias* (2.º andar).

Dia 7 — O que é a arqueologia? (Ateliers de arqueologia para as escolas, iniciativa dos Serviços de Arqueologia da C.M.E.) (7 a 30 de Junho / Sala dos Azulejos).

Dia 10 — Santo António (integrada nas comemorações dos 800 anos da sua morte pela freguesia de Palmeira de Faro) (10 de Junho a 10 de Julho / 1.º andar).

Números antigos de «O Novo Fangueiro»

A uma pessoa amiga que coleciona «O Novo Fangueiro» faltam-lhe os seguintes números: 8, 23 e 27.

A quem os puder dispensar agradecemos que os entregasse na nossa redacção ou ao Zé Barbeiro. Oferecidos ou vendidos.

Desde já os nossos agradecimentos.

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

AVISO

ALBERTO QUEIROGA FIGUEIREDO, Industrial e Presidente da Câmara Municipal de Esposende:

TORNA PÚBLICO que, por deliberação do Executivo Municipal, de 2 do corrente, foi aprovado o Regime de Concessão para exploração de um Café/Bar de Apoio, no edifício dos Paços do Município de Esposende, mediante concurso público.

O prazo máximo de concessão é de UM ANO, eventualmente renovável, podendo concorrer pessoas singulares e colectivas que demonstrem de qualquer forma terem condições para levarem a bom termo o objecto da concessão e respectiva exploração.

O prazo do concurso é de TRINTA dias, a contar da data do presente aviso, não havendo base de licitação, nem sequer o pagamento de qualquer importância à Câmara Municipal pela concessão, ficando o concessionário obrigado ao cumprimento das seguintes condições de exploração:

- a) Manter um serviço de bom nível;
- b) Manter o café/bar e zonas adjacentes em estado de limpeza absoluta;
- c) Cumprir um horário de funcionamento igual ao período de funcionamento dos serviços da Câmara Municipal;
- d) Manter em bom estado e nas melhores condições de higiene as instalações, o equipamento e maquinaria objecto do contrato;
- e) Pagar, no caso de dano, avaria, inutilização ou desaparecimento, o valor das reparações ou substituições necessárias no equipamento;
- f) Afixar, em local visível, a tabela de preços a praticar;
- g) Não efectuar quaisquer obras ou benfeitorias sem o consentimento expresso da Câmara Municipal;

O serviço a prestar destina-se aos funcionários e agentes dos serviços municipais e aos membros dos órgãos autárquicos.

Os critérios de apreciação das propostas serão o preço apresentado, contemplado obrigatoriamente os serviços mencionados no referido regime de concessão e a experiência profissional.

A proposta deverá ser instruída nos termos e de acordo com o estabelecido no Regime de Concessão aprovado e entregue até ao último dia do prazo fixado.

A adjudicação da concessão não dispensa o concessionário do cumprimento das disposições legais e regulamentares aplicáveis, não implicando a mesma concessão a isenção de quaisquer taxas ou impostos.

Os interessados poderão consul-

tar o processo durante o horário normal de expediente, de segunda a sexta-feira, na secção central, da Divisão de Administração e Finanças desta Câmara Municipal e obter os esclarecimentos que, eventualmente, pretendam.

Para constar e devidos efeitos se publica o presente edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Esposende e Paços do Município,
08 de Fevereiro de 1995.

O Presidente da Câmara,
Alberto Queiroga Figueiredo

CAMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

EDITAL

ALBERTO QUEIROGA FIGUEIREDO, INDUSTRIAL E PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE:

TORNA PÚBLICO que se encontra, para os efeitos previstos no art. 118 do Código do Procedimento Administrativo, em apreciação pública, as seguintes propostas, presentes à reunião da Câmara Municipal de 02 de fevereiro de 1995, e que mereceram concordância por parte desta:

— REGULAMENTO DE DISTRIBUIÇÃO DE ÁGUA E DRENAGEM DE ÁGUAS RESIDUAIS, DOS SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE ÁGUA E SANEAMENTO:

— ALTERAÇÃO À POSTURA DE TRÂNSITO E ESTACIONAMENTO DE VEÍCULOS EM ESPOSENDE, FÃO E APÚLIA:

— PLANO DE PORMENOR DA ZONA INDUSTRIAL DE GANDRA.

— Qualquer cidadão pode sobre as mesmas exprimir a sua opinião crítica e formular sugestões, as quais devem ser formuladas nos termos da disposição acima citada, por escrito, dentro do prazo de TRINTA DIAS, a contar da data do presente aviso.

— As propostas e respectivas peças escritas e desenhadas encontram-se patentes ao público na Secção Central, da Divisão de Administração e Finanças desta Câmara Municipal, durante o horário normal de expediente.

— Para constar e devidos efeitos se publica o presente Edital e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Paços do Município, 07 de Fevereiro de 1995.

O Presidente da Câmara,

Alberto Queiroga de Figueiredo

PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



CULTURA PRÁTICA DO MELÃO

(Continuado do número anterior)

4 — VARIEDADES

Existem no mundo um grande número de variedades de melão e de meloas.

Em Portugal, as variedades de melão mais cultivadas são a «Casca de Carvalho», embora esta para certos autores, não seja propriamente uma variedade bem definida, mas sim, fazendo parte dum conjunto de variedades de frutos, mais ou menos alongados, elípticos ou ovoides, variando o tipo de reticulado e a qualidade da polpa. É um melão com características próprias e delicioso, quando bom. Cultiva-se também em grande escala, outro tipo de melão pertencente à variedade botânica *maltensis*, que se caracteriza por frutos globosos ou oblongos, de casca lisa, glabra esbranquiçada, amarela ou verde (Vasconcelos 1949).

A esta pertencem grande parte dos melões que se cultivam no nosso país e que se encontram nos mercados, sem diferenciação de variedades, de cor, de desenho da casca e mesmo de forma.

O Departamento de Pomologia da Estação Agronómica Nacional está a preparar uma nova variedade proveniente de selecção de variedade *Vallenciana*.

No nosso país também se cultivam as

meloas que pertencem à variedade «Cantalupo» com frutos esféricos e ligeiramente achatados, muito sulcados e de epiderme lisa ou empolada, tendo fraca representação neste momento.

As que têm mais interesse actualmente pertencem à variedade «Cantalupo Prescott», de fruto grande pouco deprimido, coberto de galbas, polpa espessa fundente e açucarada. Tem também a variedade «Negro das Carmelitas», precoce, folhas verdes, frutos esféricos, casca lisa, verde muito escuro, passando a laranja na manutenção, de polpa alaranjada e de boa qualidade. Apresentam características idênticas à anterior as variedades «Charentais» e de «Canclasa».

5 — SOLO

Para se obterem produções elevadas e melões de boa qualidade, há necessidade de utilizar bons terrenos.

As terras franco-argilosas e argilo-arenosas são as mais indicadas, por serem ricas, facilmente mobilizáveis e terem certa consistência. São contraindicados os terrenos muito ligeiros (leves) por serem demasiado permeáveis e os compactos, por dificultarem o desenvolvimento radicular das plantas.

A drenagem deve ser boa pois o melão é sensível ao excesso de humidade.

O pH ideal para esta cultura anda entre 6 e 7, pois o melão encontra-se entre as plantas que melhor reagem às calagens (correções de solo) feitas em terrenos ácidos.

6 — CLIMA

O melão, por ser uma planta originária de países quentes, necessita de grande quantidade de calor, assim como de uma atmosfera que não seja demasiado húmida. É uma planta sensível às geadas de primavera. Detém o seu crescimento quando a temperatura baixa aos 12° centígrados. As melhores temperaturas para obter um desenvolvimento óptimo, situam-se entre 18 e 24° centígrados. É muito exigente em luz. Os máximos rendimentos obtêm-se com 15 horas diárias de luz.

A qualidade dos frutos é tanto melhor, quanto maior é a temperatura, próximo da altura da maturação.

A água em excesso, na fase da maturação, torna os frutos de pior qualidade e mais susceptível ao ataque de doenças.

7 — ESTRUMAÇÃO

A matéria orgânica é imprescindível ao bom desenvolvimento e crescimento dos melões.

Há autores que afirmam, que sem estrume não se consegue o máximo de rentabilidade nesta cultura.

Aconselham-se doses entre 30 a 40 toneladas de estrume por hectare, sendo este sempre bem curtido, convenientemente espalhado e incorporado com a lavoura de fundo.

8 — ADUBAÇÃO DE FUNDO

Esta, está em função da maior ou menor riqueza do solo, e dos elementos que a cultura retira do mesmo. Para se fazer uma adubação correcta, há que ter presente os resultados da análise da terra. Por hectare, um meloal retira em média para produzir 20 a 25 toneladas, 55 kgs. de azoto, 25 kgs. de ácido fosfórico, 110 kgs. de óxido de potássio, 90 kgs. de óxido de cálcio e 15 kgs. de óxido de magnésio. Assim, para um terreno de riqueza média, aconselhamos a utilização de 100 a 150 unidades de azoto, 80 a 100 unidades de fósforo, 150 a 200 unidades de potássio. Poder-se-á usar um adubo com posto do género 12-12-17-2 (Blaukorn), à razão de 700/1000 kgs. por hectare, ou a mistura dos adubos simples.

— Nitro-amoniaco 20,5% — 250/300 kgs.

— Superfosfato de cálcio 18% — 450/500 kgs.

— Sulfato de potássio 50% — 250/300 kgs.

— Cloreto de potássio 50% — 250/300 kgs.

9 — ADUBAÇÕES DE COBERTURA

A adubação azotada não deverá ser feita de uma só vez, na altura da sementeira, convindo ser fraccionada em 2 vezes; eis pois o interesse em fazer adubações de cobertura com este elemento.

Deste modo, há um melhor aproveitamento do azoto, profundas (lexiviação) e ao mesmo tempo, há possibilidade de o dosear mais correctamente. O adubo que deve ser usado para o efeito, é o nitro-amoniaco 20,5%, salvo se o terreno for alcalino, pois neste caso, deve-se usar o sulfato de amónio 20,5%. Convém fazer 2 adubações de cobertura à razão de 150/200 kgs., com qualquer dos adubos, conforme as circunstâncias atrás referidas.

(Continua)

CONVERSANDO...

Por CECÍLIA PAIXÃO AMORIM

Depois duma ausência de vários meses, embora contra a minha vontade, aqui estou novamente a dizer «Presente».

A vida actual atropela-nos de tal maneira que muitas vezes não podemos cumprir aquilo que prometemos e que fazemos de coração e com alegria.

Participar, embora modestamente, na elaboração do «Novo Fangueiro» é para mim um motivo de satisfação e até de orgulho.

Tenho lido atentamente todas as edições e constato com prazer que novos colaboradores têm surgido. Parabéns para o Jornal para o seu Director.

Desde Setembro que não vinha a Fão e como sempre verifico que vai crescendo no sector da habitação e não só.

Está um dia de chuva e não posso dar uma volta pela vila, para ver o que há de novo.

De passagem vi, em frente ao Banco, junto à ponte, um edifício novo.

Ao contemplar a sua estrutura só tive um pensamento: Se fosse mais baixo e continuasse a linha dos prédios anexos, não escondia a vila aos olhos de quem passa na estrada. E é pena. Fão merece que a contemplem...

Enfim, são as exigências de progresso que tem defeitos e qualidades, levando-nos a esquecer as coisas belas que nos rodeiam.

No entanto, reconheço que o comércio que ali se vai implantar, dará àquele extremo da vila uma nota de movimento e modernização de que esteve carenciada durante anos.

Agora um pequeno reparo.

Que destino vão dar à rampa de pedregulhos, situada junto ao Banco?

Ficará assim, será uma escadaria ou será fechada com um muro?

Tudo, menos aquele aspecto de abandono que tão mal fica numa zona de turismo.

Vem aí o Verão e Fão tem que competir com os seus vizinhos...

Nem tudo são reparos...

Acabo de saber que uma especialidade de Fão, foi distinguida com o prémio dos «Mais 1994».

Trata-se do Restaurante «a Rita Fanguieira» onde os seus «Folhadinhos» foram premiados como a melhor doçaria do ano.

Parabéns aos seus proprietários, e também à Vila de Fão, que assim se torna conhecida de Norte a Sul do País.

E Fão bem merece.

Como todos sabem, com a aproximação da Páscoa e as respectivas Festas do senhor de Fão, começa-se a pensar nas atracções e no programa para essa quadra tão importante para os fanguieiros.

Não é só a comissão encarregada de elaborar toda a estrutura dos festejos, mas, sim, toda a vila deve participar directa ou indirectamente nesse projecto.

O comércio, as pessoas activas, a juventude e o povo em geral, devem dar as mãos para fazer da festa anual de Fão, um acontecimento que rompe as fronteiras da terra que atrai centenas e centenas de visitantes. Fão tem todos os atractivos para ser visitada. É uma terra linda e precisa de ser promovida.

A publicidade é cara mas dá depois os seus frutos.

Há vilas que pela sua persistência e tenacidade conseguiram fazer das suas festas anuais, um ponto de encontro, de amigos e turistas.

Fão tem bons restaurantes, casas de chá, cafés, hotéis, uma pousada, etc. e é pena que não haja mais visitantes.

★

MEDITAÇÃO

Dia 11 de Fevereiro.

A chuva cai mansamente e o Largo reflete no empedrado do chão as luzes dos candeeiros públicos.

Não se vê ninguém. As árvores, despidas da sua roupagem, parecem figuras esguias e solitárias.

Tudo é silencioso.

Só há luzes no Clube de Fão e nos estabelecimentos. As casas parecem abandonadas e há um silêncio que me comove.

Estamos em pleno inverno. É a quadra da meditação. O frio obriga-nos a recolher a casa, e hoje não ficamos em frente à lareira, como nos velhos tempos, mas sim junto de um bom aquecedor, olhando para as imagens da T.V. num silêncio obrigatório, para não se perder o fio à meada.

Novos tempos, novos costumes. Só a Natureza é fiel e não muda.

Os homens deixam-se envolver por novos costumes, tem novas preferências e, sem se aperceberem, são moldados ao sabor das épocas.

Sejamos, pelo menos, fiéis aos nossos princípios, cultivando a sã e boa amizade, sendo solidários com aqueles que sofrem e precisam da nossa ajuda, como as crianças sós e abandonadas e todo o nosso próximo...

Olho a vidraça do café e a chuva continua a cair; já é tarde e tenho que me ir embora.

No entanto ficaria aqui a escrever sem olhar para o relógio...

... e a chuva inspirou-me uma quadra:

Chuva que cais no terreno
E que vens molhar a terra
Tu fecundas a semente
Que brota na Primavera.

FALECIMENTOS

Do Brasil chega-nos a notícia da morte do nosso conterrâneo Manuel Gonçalves Calafate (Manuel do Coxo), de 73 anos.

Segundo nos informaram o Manuel Calafate preparava-se para se instalar definitivamente em Fão para gozar a sua aposentação. Era nosso assinante e tinha por hábito telefonar imediatamente ao seu irmão Maximino para trocar impressões sobre as notícias do Jornal.

Infelizmente não pôde gozar a ternura dos setenta.

Na distante Austrália morreu também outro prezado assinante, o Ramiro Capitão que ali se encontrava a residir há bastante tempo. Esteve aqui há uns três anos mas já era portador da doença que o havia de vitimar. Tinha sessenta anos.

Ainda no Brasil faleceu o nosso prezado amigo e assinante Manuel Lemos. Não era natural de Fão, mas aqui costumava passar alguns meses do ano. Hospedava-se em casa do seu compadre e amigo Adelino Saraiva. A última vez que aqui esteve foi há três anos.

Aos familiares dos falecidos apresentamos sentidas condolências.

★

MARIA JOSÉ CAMPOS SERRA

Devido a doença incurável, faleceu em Esposende Maria de José Campos Serra, 60 anos, casada com Joaquim da Silva Braga, natural de Cavalões, FN de Famalicão, radicada em Esposende há mais de 40 anos, onde residia.

A saudosa extinta era mãe do Dr. ^o Maria da Luz, médica, casada com o Dr. José de Barros Oliveira.

O funeral realizou-se para o cemitério Municipal, depois de celebrada missa de corpo presente, na Igreja Matriz, com grande acompanhamento.

Sentimentos de muito pesar aos familiares.

— Acometido de doença súbito, faleceu no Hospital de S. João do Porto, Jaime Lima Nunes, 46 anos, gerente comercial, casado com Maria José Cruz Nibra, natural de Esposende.

O extinto deixa 3 filhos menores (2 rapazes e uma menina), era irmão de Júlio, Jorge, Álvaro e Adelaide. Foi sócio gerente e um dos fundadores da empresa Jaime Nunes & C. ^o Lda. e do Supermercado JAJU.

O jovem empresário surpreendeu inúmeros dos amigos e familiares com este ataque súbito.

Esteve em câmara ardente na igreja Matriz de onde saiu o funeral para o cemitério Municipal, depois de celebrada missa de corpo presente. Sentimentos de pesar aos seus familiares.

★

ASCÂNIO SILVA

No próximo dia 28 de Março, decorrido um ano sobre a morte deste nosso ente querido, será celebrada missa na Matriz de Esposende, às 18.30 horas, para o que convidamos todas as pessoas amigas que se lhe queiram juntar a nós neste dia de lembrança.

A FAMÍLIA

A PROPÓSITO DOS MESTRES PEDREIROS DO BOM JESUS DE FÃO

(Continuado da pág. 1)

Jesus de Fão, inseridos nas páginas deste periódico. curiosamente C. Mariz identificou, e muito bem, os Mestres Pedreiros desse monumento, como tendo sido Manuel Fernandes da Silva e seu pai Pascoal Fernandes (1677-1690). Construíram, ainda, a Casa da Residência de S. Victor. Associando-se a outros Mestres Pedreiros, como foi o caso dos maiatos Domingos e João Moreira, trabalharam na edificação da torre da Igreja do Mosteiro de S. Gonçalo de Amarante.

Este pormenor da naturalidade dos Mestres Pedreiros não está correcto pois Pascoal Fernandes nasceu na freguesia de Santo Ildefonso - Porto e seu filho Manuel Fernandes da Silva nascera, provavelmente, na Rua de S. Marcos, na cidade de Braga.

Esta informação e correcção não teria grande significado, e mesmo desnecessária a notícia, se estes Mestres da pedraria — construtores, como já se disse, do Bom Jesus de Fão, não fossem expoentes máximos na arte Barroca portuguesa (1). A eles se deve a orientação e construção dos mais belos monumentos da Cidade dos Arcebispos e de outras vilas e cidades do Minho.

Quem foram, então, Pascoal Fernandes e Manuel Fernandes da Silva?

Robert Smith no seu trabalho «A Casa da Câmara de Braga» descreveu uma pequena mas interessante biografia do «Mestre Arquitecto» M. Fernandes da Silva. Segundo este Historiador de Arte, «ao lado da grande obra de André Soares da Silva, em Braga, no terceiro quartel do séc. XVIII, podemos colocar a de Manuel Fernandes da Silva, no primeiro quartel de setecentos e no fim do séc. XVII». De facto trabalhou com seu pai — Pascoal Fernandes — também chamado Arquitecto, e moravam em Braga, na Rua de S. Marcos.

Foram construtores de grandes casas e igrejas da cidade e participaram na remodelação da Sé de Braga, a mando dos Arcebis-

pos D. João de Sousa e D. Rodrigo de Moura Teles.

Seu pai, Pascoal Fernandes, era natural da cidade do Porto, freguesia de Santo Ildefonso, vindo para Braga para construir a Igreja de S. Victor, a pedido de D. Luís de Sousa (1677-1690). Construíram, ainda, a Casa da Residência de S. Victor. Associando-se a outros Mestres Pedreiros, como foi o caso dos maiatos Domingos e João Moreira, trabalharam na edificação da torre da Igreja do Mosteiro de S. Gonçalo de Amarante.

Pascoal Fernandes trabalhou ainda na Igreja dos Lóios em Vila da Feira, na fachada de Santa Cruz, em Braga, na Capela da Quinta das Cónegas, na Sacristia da Sé de Braga, cuja planta foi desenhada pelo célebre arq. João Antunes, de Lisboa, a Capela de Santa Maria do monte da Falperra. Morreu em 9 de Agosto de 1720, na sua casa em Senhora a Branca, Braga.

Manuel Fernandes da Silva, em 1693, trabalhava com seu pai na torre de Santa Cruz. Nesse mesmo ano contratou as tribunas por cima das Capelas laterais dessa mesma igreja. Construiu a casa do Licenciado Manuel da Costa Pessoa, no Campo de Santana. Em 1702 fez a casa do Cónego Francisco de Meira Carrilho, na rua do Anjo, Braga (2).

Em 1706, Manuel Fernandes, começou a obra da Capela de Santo António Esquecido, no Adro de S. João do Souto, trabalhou no Hospital de S. Marcos.

Em 1713 aceitou fazer a obra do Zimbório da Sé. Trabalhou no claustro do Mosteiro de Tibães. Em 1719 acabou a fachada da Igreja de S. Vicente, em Braga.

Segundo Robert Smith «... o seu estilo representa o fim da longa tradição do Manei-

rismo no Norte do País, com uma ligeira carga de elementos decorativos do barroco...»

NOTAS:

1) — Entre os grandes Mestres do Barroco Português, poderemos referir, para além dos nossos biografados, o arq. João Antunes (1645-1712), Nicolau Nasoni (1691-1733), André Soares (1720-1769), Frei António Vilaça (1731-1809), Machado de Castro (1731-1822), Josefa de Óbidos (1630-1684), Vieira Luzitano (1699-1783), etc.

2) — O Rev. Augusto de Meira Carrilho era, em 1710, Abade de Fonte Boa e, em simultâneo, Juiz da Irmandade do Bom Jesus de Fão. Foi precisamente este Abade que deu início às grandes obras do Templo do Bom Jesus, e porque já conhecia o trabalho daqueles Mestres Pedreiros, chamou-os para orientá-las.

PIZZERIA – CREPERIA – GELATARIA

One Way

TAKE AWAY – ENTREGA GRATUITA AO DOMICÍLIO – ENTREGA EM 30 MINUTOS

Rua Vasco da Gama, Loja 11 R/C Esq. Trás
4740 ESPOSENDE — TELEF. (053) 961566

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES
Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Agonia Pereira
João Pedras
Carlos Mariz
Marta Mariz Mendes
José Maria Machado do Vale

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318
PÓVOA DE VARZIM

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através dos Correios será por conta do assinante.

Óptica Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA.



- ÓPTICA MÉDICA
- LENTES DE CONTACTO
- APARELHOS DE PRECISÃO

GABINETE DE OPTOMETRIA E CONTACTOLOGIA

MARCAÇÃO DE CONSULTAS DE: OFTALMOLOGIA E OPTOMETRIA

Rua da Misericórdia, 4/6 — Tel. 7 57 77 • 4700 BRAGA

FÃO INVICTO

JOSÉ MARIA MACHADO DO VALE

Um enterro tumultuoso

A 2 de Abril de 1920, o povo desta freguesia era informado de que aos funerais de Delfina da Costa Campos, viria assistir e a eles presidir como pároco da freguesia, o P. António Alves Nogueira, recentemente nomeado pelo arcebispo diocesano, em substituição do anterior pároco, Luís Fernandes de Azevedo, pelo referido arcebispo demitido.

A razão que segundo refere a Junta, conhecia de sobejo os motivos sobre que «assenta a demissão do pároco Luís Fernandes de Azevedo, dada ao fim de 18 anos de exercício no seu lugar, e que são de ter sido sempre bom republicano, sem nunca ter faltado aos seus deveres de bom padre».

Segundo consta, tal informação foi também confirmada pelo Administrador do Concelho, o qual declarou a tempo, que tendo recebido instruções superiores para garantir a liberdade do culto, não podia impedir que o novo pároco deixasse de desempenhar a sua missão.

O povo republicano desta localidade, «aquele povo que sempre tem estado e estará ao lado da República, e portanto ao lado do Delegado» do Concelho, fez-lhe sentir respeitosamente, que não podia permitir que aos funerais em referência assistisse padre revestido de hábitos paroquiais que não fosse o antigo pároco, a não ser que o aludido P. e Nogueira fizesse aquela obrigação, sem qualquer carácter oficial.

Não querendo transgredir as ordens superiormente recebidas, o Administrador declarava que pediria a sua demissão.

Depois disto, entendeu o povo delegar no signatário a incumbência de ir junto dos «doridos», com o fim de lhes pedir que convidassem o referido P. e Nogueira a não se incorporar nos funerais de sua família, com «emblemas de pároco», mas exclusivamente com as vestes simples de padre, no sentido de evitar conflitos; e tendo-a o signatário desempenhado da missão, não conseguiu ser entendido.

Assim, por volta das 15 horas, tudo se preparava para sair da casa mortuária, sita na Rua Álvaro de Castelões, na qual estacionavam dois numerosos grupos, um dos quais era composto de «todos os republicanos d'esta freguesia» que ali foram, mas por amizade pessoais, outros pelo desejo de exprimirem ao novo pároco, o seu protesto verbal pela maneira como pretendia assumir o exercício de uma função «que vem sendo, d'esde há sete longos meses», disputada pelo arcebispo da diocese e outros do «Regime»; e simultaneamente defendida por esta junta e pelo povo que ela representava, como consta nas repartições competentes e imprensa local.

Precisamente na altura do ocorrido, um prestimoso cidadão — Jaime Lopes

Pereira —, provedor da Santa Casa da Misericórdia, e que como tal, ali se encontrava para o encorporamento, dividiu da rua o aludido padre, revestido com os paramentos de pároco e preparado para sair do edifício, e calculando-o de efeitos perigosos, em face do que o seu espírito ia observando, tomou a prudente iniciativa de se abeirar daquele reverendo, para aconselhar a que desistisse do seu intento, — no que não foi atendido.

Enquanto aquele membro da Misericórdia dialogava neste sentido com o mencionado padre, no pátio da casa dos «doridos», cá fora não reconheceu «haver paroquianos republicanos», viam-se indivíduos de Esposende — um destes oficial do exército —, rompem repetidos tiros de pistola, estabelecendo-se en-

tão um tumulto, saindo de lá feridos, um dos quais, membro da Junta.

Por este grave motivo, não se realizaram os funerais em questão, tendo mais tarde retirado para fora da freguesia, em que ainda não tinha residência, acompanhado do Administrador do concelho, aquele padre Nogueira, a quem nada absolutamente nada sucedeu.

Feito o ciente relato dos factos ocorridos nesta freguesia ao Governador Civil do Distrito, a 2 de Fevereiro, alguns dos mesmos indivíduos intervieram no pretendido assalto ao posto local da G.N.R., no regresso da reclamação colectiva que levaram a efeito nesses dias em Esposende, em favor do padre Nogueira.

A 3 de Abril, a Junta oficiava ao Governador do Distrito, protestando contra as ofensas e desacatos de que era vítima em público, pelo simples motivo de o povo não querer dentro dos muros da sua laboriosa povoação, um pároco que não oferecesse as necessárias condições de segurança, à colectividade liberal da República.

MIGUEL TORGA: — Até sempre!

«ABENÇOADA FORÇA COM QUE NASCI! MORRO A DAR CORAGEM AOS OUTROS».

Estas palavras são de Miguel Torga (in «DIÁRIO»-XV). Elas só cbegam para o definir como Homem, nesta hora em que as atenções gerais convergem para o Poeta que recentemente transpôs a fronteira do Tempo.

Como Poeta, a obra riquíssima, multifacetada, de rara qualidade que nos deixou é também o suficiente para falar por ele.

Assim, pouco fica para dizer. Diremos apenas que, à maneira dos Heróis da Grécia Antiga, os Poetas são um misto de humano e de divino, pelo que não morrem completamente. Algo de si fica connosco. E tal como so Heróis permanecem vivos na memória dos povos, através da narração dos seus feitos, também os Poetas se mantêm presentes, entre nós, pelo muito de si que nos deixam na sua obra.

É o caso de Miguel Torga. Quem pode imaginá-lo morto, ao ler os seus poemas? Aquela voz, incisiva e profunda como as fragas da sua terra, continua a soar em cada verso, como se estivesse ao nosso lado. Quase podemos ver o seu perfil enérgico e firme, o seu olhar arguto mas afável, compreensivo e bom.

Como Poeta (e Prosador) foi dos raros que entre nós se afirmaram nos três géneros: épico, lírico e dramático.

Como Homem, a sua verticalidade, a firmeza do seu carácter, de «antes quebrar que torcer», como diria Sá de Miranda, a sua inflexibilidade em defender a Justiça e denunciar os erros, ficarão como uma referência de integridade e de isenção. Voz que se levantou em defesa de um ideal e que jamais se calou permanecerá viva, como exemplo de coragem, de determinação, de força moral. É esse, talvez, o seu maior legado.

Poeta e Homem, Miguel Torga está vivo. Está connosco. Através da sua Poesia. Através da sua maneira de estar no mundo, da sua rara e essencial coerência.

Miguel Torga não morreu. Apenas, parafraseando Vinicius de maraes;

«O Poeta adormeceu
como Pássaro cantor
quando vem o entardecer...»

MARIA ELÍLIA CORTE REAL